

Franceses não se surpreendem mais com o País

ANY BOURRIER
Correspondente

PARIS — A comunidade financeira da França já esperava, há dois meses, que o Governo brasileiro tomasse medidas drásticas relativas ao pagamento de sua dívida externa. A notícia de que o Brasil vai suspender, temporariamente, a remessa do serviço da dívida para o exterior, não provocou reações de pessimismo.

Os mecanismos de controle utilizados pelos bancos para ultrapassar a fase transitória de cessação de pagamentos do Brasil não serão acionados de imediato por causa da pressão dos industriais franceses, ansiosos para recomençar a exportar para o Brasil.

Pelo contrário, porta-voz do Ministério do Comércio Exterior francês confirmou, ontem, que “nada mudou por enquanto; não estamos mais pessimistas nem otimistas do que antes e, não pretendemos adiar a reunião do Coface — o órgão governamental que dá garantias aos bancos nos casos de financiamentos externos — que vai se realizar na próxima segunda-feira e durante a qual serão confirmadas as aberturas de linhas de crédito destinadas ao Brasil, em decisão complementar ao acordo com o Clube de Paris”.

Os banqueiros franceses credores do Brasil decidiram adotar uma linha pragmática em relação ao que está acontecendo com a política econômica do País. “Como já contávamos com tais decisões, não houve choque ou surpresa”, confidenciou um banqueiro. Ele explica sua falta de espanto pelo fato de que suspender pagamentos dos juros da dívida externa não é nenhuma novidade inventada pelo Governo Sarney. Em 1983, durante a presidência de João Figueiredo, o Brasil também cessou de reembolsar seus débitos, até obter um empréstimo-ponte no valor de US\$ 2 bilhões, nos Estados Unidos.

Os banqueiros de Paris constatarem também que, “na época, a suspensão de pagamentos durou o tempo previsto pelo Governo do Brasil. No fim, recebemos o que nos era devido com os juros de mora.